

envisionar

pastor resiliente

Liderando sua igreja em um
mundo em rápida mudança

Glenn Packiam

Com novos insights e pesquisa do grupo

Barna

endossos

“Em *O Pastor Resiliente*, descobrimos que a liderança não é para aqueles que têm o coração fraco nestes tempos turbulentos, mas há uma grande esperança para o futuro da Igreja. Essa é uma leitura obrigatória para pastores e qualquer um que ame a igreja.”

Christine Caine, fundadora do
A21 e Propel Women

“Se há algo que pastores e líderes da igreja precisam nestes dias desconcertantes, é resiliência. Neste livro, o respeitado pastor Glenn Packiam nos mostra o caminho para a resiliência em todos os aspectos da vida e do ministério. Se você se sente conflitado, desencorajado ou exausto, encontrará palavras de esperança neste livro.”

Dr. Russell Moore, diretor do
Public Theology Project na Christianity Today

“Raramente sei o que fazer com estatísticas e tendências religiosas, pois elas normalmente significam desgraça e são incapazes de capturar o fator essencial: Deus. No entanto, Glenn Packiam, um pastor fiel enraizado nas Escrituras e no Espírito, começa no lugar necessário: quem somos perante Deus e quem Deus é, muito antes de nós. Com Glenn como nosso guia confiável, podemos discernir como devemos viver neste momento ansioso, mas esperançoso.”

Winn Collier, pastor, diretor fundador do
Eugene Peterson Center for Christian Imagination no Western Theological Seminary e autor de Love Big, Be Well e A Burning in My Bones

“Dizer que este momento na história é um dos tempos mais difíceis para ser pastor não é um exagero. De todos os tempos. A convergência de crises globais, animosidade política e discipulado mundano tem levado pastores a questionarem sua vocação. No entanto, este momento nos deu a oportunidade de reimaginar o ministério pastoral para uma nova geração, e é por isso que sou grato por *O Pastor Resiliente*. Este livro não poderia ter vindo em um momento melhor. Com precisão teológica e uma visão sociológica robusta, Glenn Packiam oferece a pastores e igrejas um mapa do caminho para uma resiliência tão necessária. Este é um recurso com o qual todos nós precisamos nos envolver.”

Rich Villodas, pastor principal do
New Life Fellowship e autor de *The Deeply Formed Life*

“Um político astuto certa vez disse: ‘Uma crise é uma coisa terrível de se desperdiçar.’ Por muitas razões, pastores estão em crise hoje, e um número assustador está pronto para abandonar seu chamado. Enquanto Glenn Packiam oferece consolo e encorajamento a seus colegas atribulados, ele também reconhece uma oportunidade na atual crise pastoral. É um momento para reconsiderar o que o ministério e a igreja deveriam ser e como os modelos populares podem ter nos desviado do caminho. Estamos realmente exaustos por causa do chamado de Deus ou por causa do que supomos sobre o chamado de Deus? Com o auxílio das pesquisas mais recentes da Barna e de uma variedade de vozes sábias, *O Pastor Resiliente* deveria ser leitura obrigatória não apenas para aqueles no ministério, mas para qualquer um que considere um chamado pastoral. Não desperdice a oportunidade que a crise atual criou — leia este livro!”

Skye Jethani, coapresentador do podcast

The Holy Post e autor premiado de WithGodDaily.com

“Em nossa geração, pastores estão liderando através de uma combinação precária de desafios. Consumismo, individualismo, secularização e polarização são um coquetel de complexidade e desgaste espiritual. Neste momento, pastores como eu estão tão desorientados e exauridos como nunca, e é por isso que eu devorei este livro. Com sabedoria, charme e conhecimento brilhante, Glenn responde a muitas das perguntas que eu vinha fazendo e fornece muitos dos insights que eu vinha desejando. Este livro é um recurso incrível para pastores e chegou até nós no momento exato.”

Sharon Hodde Miller, pastora de ensino na
Bright City Church em Durham, Carolina do Norte

“Nos momentos de crise mais intensos, raios de luz tendem a surgir e romper a escuridão. Agora é um desses momentos de crise para muitos pastores e ministros, e *O Pastor Resiliente* é um raio de luz, iluminando um caminho mais saudável e frutífero para aqueles chamados a liderar e amar em nome de Jesus.”

Mark Sayers, líder sênior da
Red Church, em Melbourne, Austrália, e autor de vários livros,
incluindo *Facing Leviathan e Reappearing Church*

“Um dos pastores mais brilhantes e atenciosos da América volta sua atenção para uma das questões mais urgentes de nosso tempo, trazendo sabedoria experiente a este momento cultural em que nos encontramos servindo ao Senhor Jesus Cristo e Seu povo.”

Pete Greig, fundador da
24-7 Prayer International e
autor de *How to Pray: A Simple Guide for Normal People*

“Todos os pastores precisam de um guia confiável para nos conduzir a um futuro desconhecido, e Glenn Packiam conquistou o direito de ser esse guia confiável. Glenn é pastor, acadêmico e artista e, talvez mais importante, Glenn demonstrou uma resiliência fenomenal em seu próprio ministério. Por causa da rara habilidade e experiência de Glenn, ele traçou um caminho útil para nós em *O Pastor Resiliente*. Recomendo este livro a qualquer pastor à procura de uma maneira esperançosa de seguir em frente.”

Steve Cuss, pastor e autor de *Managing Leadership Anxiety*

“Para muitos de nós, pastores, nos últimos anos, ficamos profundamente cansados de fazer o bem. O Dr. Glenn Packiam redefine a resiliência necessária para enfrentar os desafios certos e aproveitar as oportunidades certas, para que possamos preparar nossos corações e mentes para o potencial redentor que está diante de nós.”

Steve Carter, pastor, podcaster, e autor de
The Thing Beneath the Thing

“As quedas de vários líderes cristãos de destaque nos últimos anos nos mostraram algo que já deveríamos saber — que o sucesso no ministério não deve ser medido pelo tamanho de nossas igrejas, mas pela saúde espiritual daqueles que as lideram. Recomendo fortemente o livro de Glenn Packiam. Tanto líderes quanto leigos encontrarão clareza, sabedoria e encorajamento para navegar por um dos momentos mais difíceis da história para ser pastor.”

Justin Brierley, apresentador de
Unbelievable? e Ask NT Wright Anything

O
pastor
resiliente

**Liderando sua igreja em um
mundo em rápida mudança**

Glenn Packiam

prefácio

É difícil lembrar de um tempo em que ser pastor fosse mais desafiador.

Quando focamos nos eventos recentes — uma pandemia global, culto on-line, agitação racial e social, polarização política profunda etc. — vemos que eles intensificaram muito os obstáculos para formar seres humanos no caminho de Cristo. As perturbações de 2020 e dos anos seguintes ainda reverberam pelo cenário religioso e social. Para os pastores, é improvável que as coisas voltem ao “ministério como de costume.”

E, se ampliarmos a visão, vemos que a recente turbulência apenas se somou ao cenário amplamente alterado que os pastores já enfrentavam antes da pandemia:

- Normas sociais e perspectivas cada vez mais voltadas para o secularismo.
- Uma crescente indiferença em relação ao cristianismo, especialmente entre os Millennials e a Geração Z.
- Percepções crescentes de que a fé cristã ortodoxa é extremista e errada.
- A lacuna de credibilidade enfrentada pelos pastores, que são vistos principalmente como prestadores de serviços para casamentos e funerais, mas não como líderes com muito mais a oferecer.
- A promessa e o perigo do ministério na era digital, onde a

capacidade de atenção é prejudicada e fontes alternativas de conselhos e autoridade crescem como ervas daninhas (o Evangelho segundo o YouTube está alimentando aqueles que buscam o que quer que os algoritmos possam oferecer).

- As lacunas geracionais que tornam o ministério para Millennials e a Geração Z igualmente desconcertantes, mais complexos — e gratificantes quando bem feito.

Todas essas tendências ampliadas e focalizadas — e muitas outras — resultam em um conjunto único de desafios enfrentados pelos pastores. Pastorear nunca foi fácil, mas hoje é muito mais difícil. Após um dos anos mais difíceis e bizarros de ministério, a Barna conduziu nossa pesquisa para este livro na primavera de 2021 e descobriu que 29% dos pastores estavam pensando seriamente em desistir.

Líderes cristãos precisam de esperança e de um caminho a seguir, mesmo aqueles que nunca consideraram jogar a toalha. Este incrível livro, *O Pastor Resiliente*, do meu amigo Glenn Packiam, ajuda pastores e futuros pastores a considerar o cenário atual e apresenta uma visão clara do que a igreja deve fazer para navegar por oito grandes mudanças que nos cercam.

Por querermos que este livro da Barna fosse *sobre* pastores e *para* pastores, achamos natural que fosse *escrito por um pastor*. Glenn Packiam veio imediatamente à mente e foi a primeira escolha da nossa equipe. Encontrei-me com Glenn para um café em Colorado Springs no início de 2020 — apenas algumas semanas antes de o coronavírus alterar drasticamente a trajetória do ministério baseado na igreja — para pedir-lhe que considerasse escrever o livro que você está lendo agora.

Ele considerou isso em oração e disse sim!

Sou grato, e espero que você também seja, ao ler a prosa brilhante, a análise fresca e a visão esperançosa dele para o futuro do pastorado.

Como parte do projeto deste livro e sob a orientação de Glenn, a Barna conduziu uma pesquisa completamente nova que explora o estado atual dos pastores. Espero que você se surpreenda, se sinta humilhado, tocado e inspirado pelos dados entre líderes que compartilham a mesma paixão pela mensagem transformadora de Jesus.

Na Barna, temos o privilégio de servir aos pastores desde 1984, quando George Barna iniciou seu trabalho pioneiro focado em capacitar líderes de igrejas. A Barna entrevistou e ouviu mais pastores do que qualquer outra empresa de pesquisa nos EUA. Por meio de nossa pesquisa, pretendemos ser uma voz precisa e útil para pastores e líderes, permitindo que você compartilhe suas opiniões, pontos de vista, esperanças e medos para o benefício de seus colegas líderes.

Nos preocupamos profundamente com sua saúde, bem-estar, eficácia e perseverança — com que você se torne e permaneça um pastor resiliente!

Ao começar este livro, aqui estão algumas observações. Primeiro, em 2 Coríntios 11.28, Paulo escreve que tem uma “preocupação diária” pelas igrejas. Como plantador de igrejas e apóstolo, ele descreve sua preocupação e angústia sobre a condição das comunidades de Jesus que ele cuida. Muitas coisas estão indo bem, mas ele também diz que fica “furioso” quando alguém se desvia do caminho. O contexto da passagem sugere que Paulo considera a tensão emocional de cuidar da resiliência dessas igrejas como, no mínimo, igual à tensão de todas as situações e conflitos ameaçadores que ele enfrentou.

Isso me lembra que ser um pastor resiliente não significa que devemos guardar nossas emoções ou preocupações. A igreja merece

nossa agitação piedosa, ambição, oração e ação urgentes. Em outras palavras, líderes resilientes devem estar cheios de realismo sobre a realidade atual, tangível e brutal de liderar a igreja e formar pessoas à imagem de Jesus.

A segunda perspectiva que gostaria que você considerasse ao começar é a seguinte: além do realismo, pastores resilientes devem estar ancorados na esperança. Esperança na obra do Senhor no mundo. Esperança em um Deus que nos conhece e nos ouve. Esperança na realidade de um Jesus ressuscitado. Esperança de que todo esse trabalho, esforço e labuta realmente resultem em algo, tanto aqui e agora quanto na eternidade.

Pastores resilientes mantêm o realismo e a esperança em uma bela tensão.

Espero que você descubra esses dois temas, assim como eu, em *O Pastor Resiliente*. Para Glenn, para mim e para nossas duas equipes, nossa oração é que este livro reacenda sua imaginação e sua energia para uma nova temporada de ministério, renovada e orientada pelo Espírito.

Vem, Senhor Jesus!

David Kinnaman,
presidente do grupo Barna,
Ventura, Califórnia

formação

como fazemos discípulos?

Descobri pelo Facebook. Eles comentaram em uma postagem que fiz de uma maneira que me fez pensar se estavam deixando a igreja.

Entrei em contato pessoalmente para perguntar se o comentário significava o que eu imaginava. Eles confirmaram que sim: estavam deixando a igreja. Eu estava sendo despedido. E por quê? Porque eu havia postado sobre como os afro-americanos não querem viver com medo da polícia, sobre como, como cristãos, nosso papel em relação ao governo não é apenas o de se submeter, mas também o de, humildemente, responsabilizar os formuladores de políticas e a polícia que as aplica. Isso não se encaixava em sua percepção de mundo. Eles não conseguiam evitar atribuir às minhas palavras cuidadosamente medidas os pontos de vista extremos defendidos por outras pessoas que haviam feito observações semelhantes às minhas. A simples semelhança de linguagem levou à suposição de qual “tribo” eu pertencia. Fui rotulado como um dos “liberais” e descartado como um desertor da fé.

Por trás de minha raiva havia uma profunda tristeza. Essas pessoas eram voluntárias e serviam em nossa igreja. Nossos filhos participavam de atividades juntos. Eu havia batizado seus filhos. Nós lhes demos ajuda financeira quando precisaram. Agora, descobri que estavam indo embora por meio de um comentário enigmático no meu post no Facebook.

Essa história não é única nem rara. No verão de 2020, ouvi de vários pastores sobre a saída de membros de suas igrejas. Alguns avisaram por e-mail ou mensagem de texto; outros marcaram uma reunião para discutir as coisas antes de partir. Para alguns, tratava-se da pandemia. Os membros que saíram acreditavam que a COVID-19 era falsa, politicamente motivada ou exagerada pela mídia e estavam desapontados porque sua igreja não estava se reunindo presencialmente. Para outros, tratava-se das conversas sobre raça. Eles acreditavam que a mídia ou os liberais, ou ambos, estavam distorcendo os eventos para semear discórdia, incitar divisão e promover uma revolta contra a polícia. Ou então estavam desapontados porque os pastores não estavam se manifestando mais, pois, em sua visão, o silêncio era conivente. Havia aqueles que não conseguiam aceitar que seu pastor não se posicionava contra o aborto ou a favor de Trump, enquanto outros queriam que seu pastor denunciasse Trump. Da COVID à QAnon, as pessoas estavam firmemente comprometidas com seus valores e visão de mundo. Se o pastor estivesse alinhado, ótimo; caso contrário, era hora de ir embora. Os motivos de cada saída podem ter parecido diversos, mas havia uma linha comum. Mais do que uma teoria da conspiração ou um vídeo viral, o denominador comum das razões para o êxodo foi o tribalismo.

O que esse tribalismo revela é um *fracasso na formação de discípulos*. Trata-se de um fracasso evidente, não tanto pelas discordâncias em si, mas pela incapacidade de pensar teologicamente sobre questões sociais e eventos atuais. Predeterminamos nossos pontos de vista de acordo com nosso “grupo” e filtramos tudo através do prisma de nossa política. Não há um único assunto que não seja politizado. E, como a política é uma guerra, admitir um ponto significa perder terreno. Isso pode marcar o fim do discurso civil, mas o mais alarmante

é a crise de formação que ele expõe.

O problema com o discipulado nos Estados Unidos não é a falta de recursos para refletir bíblicamente ou teologicamente sobre questões relevantes. Esses recursos são abundantes. O problema é que nos recusamos a ouvir qualquer coisa — até mesmo o “ensino bíblico” — que contradiga ou desafie nossa identidade tribal. A Bíblia já não tem mais o poder de nos sacudir, nos despertar, abrir nossos olhos e ouvidos.

Quando as pessoas estão sendo discipuladas por seu podcaster, blogueiro ou influencer do Instagram favorito, por uma rede de notícias ou por seu feed de mídia social, em uma frequência que supera o tempo dedicado à igreja, como um pastor pode competir? Quando essas várias influências fertilizam opiniões e exigências, o fruto que produzem é a divisão e a discórdia na igreja ou até mesmo a saída dos fiéis. A falta de comprometimento dos membros e o baixo nível de maturidade espiritual são alguns dos desafios mais desgastantes com que os pastores precisam lidar.¹ Para aqueles que já estão em risco de esgotamento e deterioração espiritual ou relacional — cerca de um terço dos pastores se encontram nessa situação² —, a dor gerada pela política dentro da igreja é particularmente aguda.³ Além disso, metade dos pastores que enfrentam risco de esgotamento se sente despreparada para lidar com conflitos.⁴

Enquanto o peso que tudo isso causa aos pastores é grande, o fardo do não discipulado é ainda maior. Não podemos confiar apenas na presença ou na participação em programações para medir nossos esforços. Ainda assim, é isso que muitos pastores continuam fazendo. Em nosso novo estudo, descobrimos que a maneira mais comum de as igrejas medirem a eficácia de seus esforços de discipulado é por meio da frequência geral às programações e eventos da igreja (54%)

e da proporção de pessoas envolvidas em “caminhos de discipulado” (51%). Os pastores mais velhos são mais propensos a apontar o número de novas conversões (35%, contra 24% dos pastores mais jovens) e o envolvimento por meio do serviço (50%, contra 38%). No entanto, frequência, engajamento e até mesmo conversão não são a mesma coisa que formação e discipulado.

Como podemos participar do trabalho de formação espiritual na era da política de identidade e das lealdades tribais? Devemos começar repensando nosso objetivo.

Qual é o objetivo?

A grande maioria dos líderes da igreja afirma que o objetivo do discipulado é “ser transformado para se tornar mais parecido com Jesus”.⁵ Quando discutimos o objetivo do discipulado em grupos de pastores na América do Norte e no Reino Unido, as respostas se concentraram em Jesus — e não apenas porque isso parece ser a resposta “certa” na escola dominical. “Tornar-se mais como Jesus”, “fazer pelos outros o que Jesus fez por nós”, “um estilo de vida”, “companheirismo na jornada com Jesus”, “ser conformado à imagem de Cristo” e “caminhar com Deus em nosso dia a dia” foram algumas das respostas compartilhadas. Faz sentido, então, que a linguagem preferida para se referir ao processo de formação espiritual ou discipulado seja “tornar-se mais semelhante a Cristo”.⁶ A pesquisa da Barna revelou que cristãos praticantes concordam com essa terminologia, mas divergem quanto ao objetivo em si. O principal objetivo declarado do discipulado, segundo esses cristãos, é “aprender a viver uma vida cristã mais consistente”.⁷

Isso seria apenas uma questão de semântica, certo? Qual é a diferença entre querer se tornar mais parecido com Jesus e querer viver

uma vida cristã mais consistente? Idealmente, não há diferença. Mas, na prática, o que frequentemente ocorre é que a “vida cristã” se torna uma abstração — uma coleção de virtudes ou um conjunto de ideais aos quais aspiramos. Jesus, entretanto, é uma figura histórica, o Filho de Deus encarnado, que nasceu, foi crucificado e ressuscitou ao terceiro dia.

A busca pela conformidade com a “vida cristã” nos torna vulneráveis a qualquer interpretação desse ideal que nos seja apresentada. A visão americana da vida cristã, por exemplo, pode incluir viver uma vida confortável nos subúrbios e votar para preservar esse estilo de vida a qualquer custo. Os ideais cristãos podem, facilmente, ser cooptados pela política partidária: fé, liberdade, família, Deus e pátria. Os exemplos são numerosos.

Jesus, porém, é menos suscetível a ser sequestrado dessa forma. Se estivermos confusos sobre uma versão específica de quem é Jesus, podemos retornar repetidamente aos quatro Evangelhos. Nas páginas deles, somos continuamente confrontados com o Cristo da proclamação — alguém que não se encaixa facilmente em nossas categorias ou agendas.

O brilhante e provocativo teólogo e ético Stanley Hauerwas escreve:

“Ser discípulo de Jesus não é apenas conhecer os ‘fatos’ básicos de sua vida. Não basta conhecer sua história. Ser discípulo de Jesus significa que nossas vidas devem, literalmente, ser incorporadas ao drama da redenção de Deus nesta criação. Essa é a obra do Espírito quando nos tornamos parte do novo tempo de Deus por meio da vida e obra desse homem, Jesus de Nazaré.”⁸

Estudar a Bíblia não é um fim em si mesmo. Confessar um dos credos ou memorizar o catecismo não é o objetivo. Tornar-se como Jesus é o verdadeiro propósito.

Jim McClendon contou uma história sobre dois irmãos, Clarence e Robert Jordan. Clarence, pacifista e integracionista, foi o fundador da Koinonia Farm, uma comunidade inter-racial próxima a Americus, na Geórgia, que funcionava muito antes do movimento pelos direitos civis. Quando precisou de ajuda para enfrentar a discriminação da companhia de gás local, que havia recusado o serviço, Clarence pediu auxílio ao seu irmão Robert, que era advogado. Robert, entretanto, não estava disposto a ajudar. Ele tinha aspirações políticas e não podia correr o risco de perder o emprego ou a casa. Clarence argumentou que eles poderiam perder tudo de qualquer forma.

Robert respondeu: “É diferente para você.”

“Por que é diferente? Lembro-me de que você e eu entramos para a igreja no mesmo domingo, quando éramos meninos. Acho que, quando nos apresentamos, o pregador me fez a mesma pergunta que fez a você. Ele me perguntou: ‘Você aceita Jesus como seu Senhor e Salvador?’ E eu disse: ‘Sim’. E você, o que disse?”

“Eu sigo Jesus, Clarence, até certo ponto.”

“Por acaso esse ponto seria — a cruz?”

“É isso mesmo. Eu o sigo até a cruz, mas não na cruz. Não vou me deixar crucificar.”

“Então não acredito que você seja um discípulo. Você é um admirador de Jesus, mas não um discípulo dele.”⁹

Um discípulo é aquele que de fato vai até a cruz. Não é aquele

que simplesmente acredita na cruz ou é grato pela cruz de Jesus. Um discípulo é aquele que segue Jesus tão de perto que toma sua própria cruz. Sua vida assume a mesma forma que a de Jesus. Ser um discípulo é ser cruciforme.

A cruz é a diferença entre manter uma vaga noção da vida cristã e, de fato, tornar-se como Jesus. O ato central de Cristo é carregar a cruz. Ele é conhecido no céu como o Cordeiro que foi morto. A imitação de Cristo não é nada se não for o traçar de nossas vidas em torno dos contornos do amor sacrificial e auto-doador. Hauerwas coloca isso da seguinte forma: “O discipulado é simplesmente um treinamento prolongado para se desapropriar. Tornarmo-nos seguidores de Jesus significa que devemos, como Ele, ser despojados de tudo o que achamos que nos dá poder sobre nossa própria vida e a vida dos outros. A menos que aprendamos a renunciar à presunção de que podemos garantir o significado de nossas vidas, não seremos capazes de alcançar a paz do Reino de Deus.”¹⁰

É comum dizer que as pessoas querem o reino — a justiça, a paz, a alegria e outras coisas que vêm com o reinado de Deus — sem querer o Rei. Isso pode ser verdade para aqueles que estão fora da igreja. Elas buscam justiça sem julgamento, liberdade sem rendição ou amor sem perdão. Querem o fruto do reino sem a autoridade do Rei. Isso é bastante verdadeiro. Mas, para aqueles que estão dentro da igreja, queremos o Rei e seu reino sem uma cruz. Queremos um Salvador que nos leve ao céu, um Senhor da vida após a morte. Gostamos de todas as bênçãos de perdão e paz que vêm com seu governo. Contudo, não refletimos suficientemente sobre a natureza de seu governo. Jesus é o Rei que venceu morrendo, que ganhou perdendo, que resgatou dando. Tudo isso se manifestou na cruz. Se o mundo quer o reino sem o Rei, a igreja quer o Rei sem uma cruz.

A vida cruciforme é o que significa tornar-se como Jesus.

Como os movimentos são sustentados

Como aprendemos a carregar nossa cruz? Como nos formamos no caminho do amor sacrificial e do perdão?

No início da década de 1960, quando o movimento pelos direitos civis estava se firmando, o psicólogo infantil e educador Kenneth B. Clark conduziu uma entrevista com o reverendo Dr. Martin Luther King Jr. Fazia alguns anos que Rosa Parks havia permanecido em seu assento, desde o boicote aos ônibus de Montgomery e desde que os direitos de voto foram concedidos aos afro-americanos. Mas o trabalho estava longe de terminar. O preconceito encontrou formas mais cruéis de mostrar seus dentes, e a violência se espalhou pelas ruas. Os brancos encontraram maneiras de manter os negros fora de seus bairros através do redlining e fora da cabine de votação por meio de testes de alfabetização. Protestos pacíficos eram recebidos com prisões em massa e espancamentos. No entanto, o Dr. King estava liderando um movimento cujo ponto central era o compromisso com a não violência. Eles seriam uma “minorias criativa”, assim como os primeiros cristãos haviam sido, subvertendo o poder de um império injusto e levando-o ao arrependimento.¹¹

Na entrevista, Clark perguntou como o movimento havia mantido seu compromisso com a não violência. Ele questionou o Dr. King sobre a relação entre a “não violência de ação direta” como técnica e o amor ao inimigo como ética. O Dr. King foi claro quanto a essa relação: uma era “um método de agir para retificar uma situação social injusta”, enquanto a outra aceitava a não violência como “um modo de vida”.¹² Clark pressionou King a respeito de como alguém poderia realmente amar os perpetradores de violência e opressão. Recorren-

do à linguagem do Novo Testamento, o Dr. King respondeu que o amor não é “uma resposta afetuosa”, mas sim o *ágape*, um tipo de “compreensão, boa vontade redentora e criativa para todas [as pessoas]”.

O que mais intrigava Clark era como esse movimento, sem força policial e sem uniformes, conseguia “manter esse tipo de disciplina, controle e dignidade” entre “pessoas voluntariamente associadas”, apesar de vozes como as de Malcolm X e James Baldwin, que contradiziam ou questionavam a abordagem não violenta do Dr. King.¹³ Essa não era uma “organização autoritária”. Clark queria saber: “Como você explica essa... bela dignidade e disciplina?”¹⁴

King respondeu: “Bem, fazemos muito em termos de ensinar tanto os aspectos teóricos da não violência quanto a aplicação prática. Temos até cursos em que passamos pela experiência de sermos maltratados, e esse tipo de sociodrama tem se mostrado muito útil na preparação daqueles que estão envolvidos em manifestações.” King continuou: “Acho que há uma qualidade contagiosa em um movimento como este, quando todos falam sobre a não violência, sobre ser fiel a ela e sobre ser digno em sua resistência. Isso tende a se espalhar para o grupo maior, porque isso se torna parte do vocabulário do movimento.”¹⁵

Em essência, quando perguntado como o movimento que ele liderava havia sido formado de maneira tão eficaz em sua “forma” e disciplinado em seus valores, mesmo com grande custo para si, o Dr. King apontou para o ensino, as práticas e o aprendizado comunitário. Falaremos mais sobre esses três aspectos em breve.

É preciso uma igreja

Há alguns anos, quando a Barna perguntou aos pastores quais

eram os elementos essenciais do discipulado, eles listaram: tempo com Deus (93%), oração e meditação (93%), compromisso pessoal de crescer em semelhança a Cristo (92%), frequentar uma igreja local (89%) e um profundo amor por Deus (88%) como os cinco principais.¹⁶ Perceba que três dessas práticas estão relacionadas à *ação* — tempo com Deus, oração e meditação, e frequentar uma igreja local — enquanto duas estão relacionadas à *atitude* — compromisso em crescer e um profundo amor por Deus. Além disso, apenas uma delas envolve outras pessoas: frequentar uma igreja local. Quando questionados diretamente sobre um método que teria um “impacto significativo no desenvolvimento de discípulos”, os pastores apontaram o estudo pessoal da Bíblia, o estudo em pequenos grupos e os relacionamentos de mentoria um a um como os três principais métodos para desenvolver discípulos.¹⁷

Os dados da Barna sobre o que os cristãos praticantes consideram útil para seu crescimento espiritual são semelhantes ao que os pastores mencionaram. Oração regular (59%), assistir aos cultos na igreja (55%), ter um tempo de silêncio (40%), estudar a Bíblia por conta própria (38%) e estudar a Bíblia com um grupo (31%) são as cinco principais práticas.¹⁸ Nesta lista, duas são *comunitárias* — assistir aos cultos na igreja e estudar a Bíblia com um grupo — enquanto as outras três são *individuais*. No entanto, dos 90% dos cristãos pesquisados que disseram que o crescimento espiritual é importante de alguma forma, apenas 25% preferem um grupo pequeno, enquanto 16% preferem uma abordagem individual. Trinta e sete por cento, na verdade, preferem buscar o crescimento espiritual por conta própria.¹⁹ O ideal de crescimento espiritual solitário está profundamente enraizado no imaginário do cristão americano.

Foi apresentada uma lista de possíveis obstáculos ao crescimento

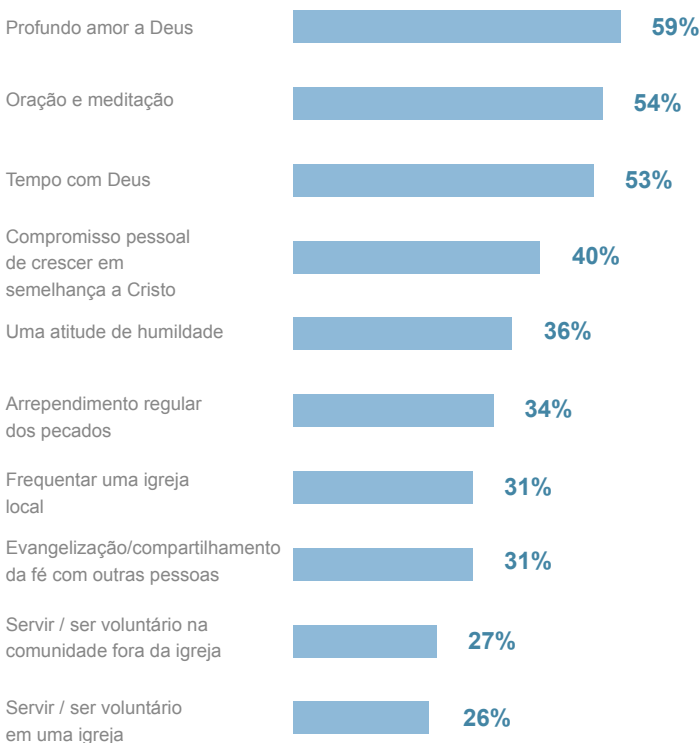
espiritual para cristãos praticantes. Eles foram solicitados a marcar quais eram os principais e quais eram os secundários. O maior obstáculo ao crescimento espiritual, marcado como número um, é a “correria geral da vida”.²⁰ Em seguida, vem o trabalho árduo que sabiam que o crescimento espiritual exigiria. Mas então surgem uma série de fatores, todos quase igualmente respondidos, desde seus amigos não estarem interessados em questões espirituais até não quererem pensar nos erros cometidos no passado, desde más experiências com grupos até não quererem se envolver demais com os outros, desde o fato de não conseguirem encontrar uma boa igreja até o fato de terem outras prioridades no momento.²¹ Eles sabem que o crescimento espiritual é importante, mas muitas outras coisas também o são.

No estudo da Barna de 2020 com a população em geral, descobrimos que os cristãos acham que as práticas mais essenciais para o discipulado são um “profundo amor por Deus” e “oração e meditação”, seguidos de perto por “tempo com Deus”.

OS ELEMENTOS ESSENCIAIS DO DISCIPULADO: PRIMEIRO VEM O AMOR

Quais disciplinas espirituais você acredita serem essenciais para o discipulado (ou seja, tornar-se mais parecido com Jesus)?

?% entre os cristãos



Vou fazer uma observação radical: moldamos nossa visão de discipulado de maneira *individual e interna*. Líderes da igreja frequentemente apontam para motivação e desejo. *Se ao menos tivessem um amor profundo por Deus e um compromisso maior com o crescimento espiritual!* Pastores continuam insistindo que, com a visão certa vinda do líder sênior e a estrutura correta, podem motivar as pessoas a abraçarem o discipulado e o crescimento. Mas isso não é bem assim. Então, temos as vozes principais sobre discipulado repetidamente batendo no tambor dos relacionamentos um a um. O segredo está na mentoria, dizem eles. Isso está mais próximo da realidade. Mas poucas pessoas encontram o pai ou a mãe espiritual certos, e poucas estão dispostas a tentar.

Enquanto nos concentrarmos no *indivíduo* e no *interno*, os obstáculos serão sempre *circunstanciais e sazonais: estamos muito ocupados, não temos as pessoas certas ao nosso redor, ou isso simplesmente não é uma prioridade no momento*.

O que o Dr. King sabia é que o discipulado não se trata simplesmente de planos feitos sob medida ou programas bem estruturados. É preciso um movimento — um movimento enraizado em uma ética específica, uma maneira de ver o mundo. Os seguidores do Dr. King eram um grupo de pessoas que adoravam juntas, oravam juntas, marchavam juntas e até eram presas juntas. Ele havia modelado seu movimento de acordo com os primeiros cristãos. A formação na igreja primitiva não se concentrava no indivíduo ou no interno, mas sim no *comunitário* e no *habitual*. Os evangélicos gostam de dizer que ir à igreja não faz de você um cristão. Isso é verdade. Mas talvez, ao enfatizarmos a fé pessoal, tenhamos nos esquecido do que os primeiros cristãos sabiam: *é preciso uma igreja para formar um cristão*.

A paciência da Igreja Primitiva

“Não pregamos grandes coisas; nós as vivemos.”²² Essa era uma frase comum entre os cristãos do norte da África no início do século III. O cristianismo estava se espalhando pelo apelo de sua comunidade ao mundo ao seu redor. Muito antes de se tornar socialmente aceitável, pagãos — com grande custo para si mesmos e apesar dos grandes desencorajamentos para fazê-lo — estavam se tornando cristãos. Ainda mais notável é o fato de que eles estavam se tornando cristãos sem nunca terem ido a um culto na igreja. Naquela época, o culto cristão era realizado a portas fechadas. Não se podia confiar em pessoas de fora para proteger a identidade da comunidade cristã.

Como a igreja cresceu?

Tertuliano, um pastor nos primeiros anos do século III na cidade norte-africana de Cartago, observou que os não cristãos olhavam para os cristãos e diziam: “Vejam... como eles se amam... e como estão prontos para morrer uns pelos outros”.²³ Algo na maneira como cuidavam dos pobres, conduziam seus negócios e restringiam seus apetites e sexualidade atraía os pagãos. Essas pessoas eram diferentes. Como diz Alan Kreider, professor de história e missão da igreja: “Não era o culto cristão que atraía os de fora; eram os cristãos que os atraíam”.²⁴

Para os romanos, o cristianismo não parecia uma religião — um conjunto prescrito de rituais voltados para se relacionar com um deus a fim de obter bênçãos. As religiões romanas tinham pouco a ver com o que poderíamos chamar de ética.²⁵ O cristianismo parecia muito mais uma filosofia, um modo de viver. O cristianismo se preocupava com o comportamento das pessoas no mercado e no lar. Em uma carta cristã dos anos 200, o escritor observa que os cristãos

não são tão diferentes de todos os outros nos “costumes locais” de “vestimenta e alimentação”, mas eles “demonstram o caráter notável e reconhecidamente incomum de sua própria cidadania” no reino de Deus.²⁶ O escritor cita exemplos específicos disso, afirmando que os cristãos não abandonam seus bebês nas ruas, como era comum no Império Romano para filhos indesejados. Além disso, desde pelo menos a época das cartas de Paulo aos Coríntios, era prática cristã que maridos e esposas tivessem relações sexuais apenas com seu cônjuge, ao contrário do duplo padrão grego e romano que exigia uma esposa fiel, mas permitia que os homens tivessem cortesãs e concubinas para o prazer, e escravos para suas “necessidades diárias”.

Kreider, baseando-se no trabalho do sociólogo e filósofo francês Pierre Bourdieu, resume a diferença entre cristãos e pagãos ao seu *habitus* — o conjunto de “predisposições e práticas”.²⁷ Se a principal maneira de as pessoas se tornarem cristãs era por meio do testemunho de sua maneira única de viver, então as respostas reflexivas dos cristãos tinham de ser intencionalmente moldadas. A igreja sabia que não podia ter pessoas que afirmavam ser cristãs, mas que não viviam como cristãs — muito menos como o próprio Cristo. Um *habitus* cristão tinha que ser formado.

Essa convicção levou à criação de processos preparatórios para a conversão. No século III, surgiu um documento das comunidades cristãs do norte da África, de Roma e, possivelmente, até do Egito, chamado *A Tradição Apostólica*. Ele teria um amplo alcance, aparecendo em vários idiomas, do latim ao sírio e ao árabe. O texto revela um modelo para se tornar um cristão que poderia ser mapeado em quatro estágios: *boas-vindas*, *instrução*, *preparação* e *iniciação*. Kreider, usando termos diferentes para esses estágios, descreve cada um deles em detalhes. Durante o primeiro estágio, um descrente

que conhece um cristão do trabalho ou da vizinhança fica curioso sobre esse grupo conhecido como o Caminho. O cristão funciona como uma espécie de patrocinador, explicando as coisas para ele e apresentando-o aos professores cristãos. Após um período de meses ou, às vezes, anos, o professor questionaria o patrocinador sobre seu amigo não cristão para ver se ele era ensinável e disposto a mudar seu comportamento. De fato, alguma mudança já deveria ser evidente. Em seguida, eles seriam admitidos no segundo estágio, onde receberiam instrução ou *catequese*. O foco aqui é menos na doutrina e mais em se tornar como Cristo. Eles aprenderiam sobre Cristo e sobre as práticas da igreja na adoração e no mundo. Eles então enfrentariam um “Segundo Exame”, dirigido mais uma vez ao cristão patrocinador. Kreider é enfático sobre o conteúdo desse exame, talvez para mostrar como esse método difere de nossas versões contemporâneas de discipulado: “Os líderes não perguntavam sobre a ortodoxia do candidato, sobre seu domínio da doutrina, sobre sua memorização de passagens bíblicas, sobre sua piedade ou vida de oração. Eles não perguntavam sobre as opiniões e atitudes do candidato. No entanto, eles queriam saber como o candidato tratava as pessoas pobres. As ações diziam tudo”.²⁸

Para ser claro, uma doutrina sólida e a memorização das Escrituras faziam, de fato, parte da etapa de instrução, mas repetir as palavras corretas em um exame oral não era o objetivo. O objetivo era uma vida transformada.

Após serem aprovados nessa segunda avaliação, os candidatos passavam para uma fase de preparação na qual “ouviam o evangelho”. Essa frase pode ter significado uma imersão especial nos ensinamentos de Jesus, a inclusão do candidato nos cultos de adoração ou uma rodada mais profunda de instrução doutrinária. Seja o que for, a imi-

tação de Cristo agora se tornava mais nítida. O “Terceiro Exame” era agora entre o bispo e o candidato. Nesse momento, o candidato renunciava ao pecado e ao mal e se voltava completamente para Cristo. O bispo expulsava os demônios e afirmava a retidão do candidato. Em seguida, eles avançavam para a quarta e última etapa: a iniciação na comunidade através das águas do batismo.

Se deixarmos de lado a rigidez dos estágios da *Tradição Apostólica* e não nos preocuparmos com o momento em que o batismo ocorre — no início, para muitos de nós, e não no final — veremos padrões maiores que podem ser úteis para nós hoje. O objetivo e, certamente, a premissa da *Tradição Apostólica*, na visão de Kreider, é que as pessoas não pensem em uma nova maneira de viver; elas “vivem em um novo tipo de pensamento”.²⁹ Cipriano, o bispo de Cartago após a época de Tertuliano, via o objetivo do catecismo como a formação de hábitos. Kreider parafraseia as palavras de Cipriano a um professor cristão encarregado de criar um currículo para aqueles que queriam se tornar cristãos:

Habitualmente, os cristãos compartilharão suas economias e cuidarão dos pobres e dos doentes, das viúvas e dos órfãos; habitualmente, eles se envolverão em negócios com honestidade, sem usura e sem buscar lucro a ponto de recorrer a juízes pagãos; habitualmente, eles serão uma comunidade de contentamento e restrição sexual; habitualmente, eles se comportarão com a não violência multifacetada da paciência.³⁰

Praticando juntos uma longa obediência

Como o Dr. King foi inspirado pela maneira como a igreja pri-

mitiva cresceu sob o domínio do Império Romano, não é surpresa que as percepções que observamos em seu movimento pelos direitos civis correspondam ao que poderíamos dizer sobre a igreja nos anos 200 em Cartago, em particular. Podemos destilar e sintetizar a sabedoria de ambos para a igreja de hoje, dizendo que a formação de uma maneira semelhante à de Cristo também envolve *ensino, práticas e aprendizado comunitário*.

Livros inteiros poderiam ser escritos sobre cada um desses temas, mas algumas observações são necessárias dentro do curto espaço que temos. O ensino da igreja no século III focava na narrativa das Escrituras — o grande arco da história da obra redentora de Deus no mundo — e nos ensinamentos de Jesus. Grandes trechos das Escrituras eram memorizados. Mas, novamente, o objetivo de cada ensinamento era revelar Jesus e produzir uma vida que imitasse a de Cristo. Para isso, o ensino precisava contar a história, empregando uma hermenêutica cristocêntrica e aplicando uma ética cruciforme de amor.

Existem longas listas de práticas concretas, comunitárias e habituais que faziam parte do processo catequético. Geralmente, essas práticas podiam ser agrupadas em três categorias: *práticas de adoração, práticas de oração e práticas de serviço*. As principais práticas de adoração, que eram formativas para os novos crentes na igreja primitiva, eram o batismo e a Eucaristia. A celebração semanal da Eucaristia não servia apenas para lembrar e encontrar o amor sacrificial de Cristo, mas também como uma forma de reforçar a imitação desse amor. Após servir pequenas porções de pão e vinho a todos os presentes, os diáconos as levavam aos membros que estavam ausentes. “A refeição se espalha, formando o caráter dos adoradores e desempenhando um papel essencial na vida da comunidade, que se compromete a cuidar de órfãos, viúvas, prisioneiros e estrangeiros.”³¹

Da mesma forma, quando os fiéis oravam juntos, oravam vigorosa e coletivamente por todos os cristãos em todos os lugares.³²

As duas primeiras práticas ocorriam atrás das portas fechadas da igreja e, portanto, eram invisíveis para os não cristãos. No entanto, elas geraram práticas que eram visíveis para o mundo. As práticas de serviço eram exemplificadas pela forma como os cristãos alimentavam os pobres e cuidavam das viúvas. “Algumas congregações [...] tinham estoques reabastecidos de alimentos e roupas para seus membros.”³³ Os cristãos — até mesmo o próprio Cipriano — simplificaram seus estilos de vida para tornar possível a generosidade. Seu serviço se estendia a todos. Em uma história notável de mulheres cristãs que levavam comida e bebida para camponeses capturados, que haviam sido recrutados à força para o serviço militar, um dos prisioneiros relatou que a ajuda tinha vindo de cristãos que “eram misericordiosos com todos, inclusive com estranhos”.³⁴

Finalmente, uma comunidade de aprendizado foi um caminho fundamental para a formação. Desde um patrocinador para buscadores curiosos a professores e à comunidade diversificada da própria igreja, os discípulos não eram formados isoladamente ou mesmo em mentoria individual, mas por meio da igreja. Uma comunidade de aprendizado pode assumir a forma de um pequeno grupo, um tipo muito intencional. O tipo de comunidade que faz discípulos se concentra não apenas em pensar as coisas certas, mas também em fazer as coisas certas. Uma comunidade assim não tem medo de fazer perguntas profundas sobre a profissão de uma pessoa. Convertidos da igreja primitiva que eram fabricantes de ídolos ou gladiadores foram instruídos a “parar ou serem expulsos”. Os empresários foram incentivados a não cobrar juros e a pagar seus trabalhadores em dia. Quando Cipriano foi batizado, ele falou de seu patrocinador como

o “pai de sua nova vida”. O desejo de Paulo de que os coríntios tivessem não apenas uma infinidade de professores, mas pais e mães na fé, tornou-se realidade para a igreja em Cartago.

Quero fazer uma pausa aqui para enfatizar que, mesmo quando exploramos maneiras criativas de nos engajarmos no “discipulado digital”, não há um verdadeiro substituto para a comunidade presencial. O aprendizado acontece por meio da copresença física. É isso que a frase muito usada na igreja “vida na vida” quer indicar. Embora a tecnologia possa nos ajudar a aproximar esse tipo de comunidade de aprendizado, ela nunca poderá atingir o nível de formação holística que acontece por meio de uma comunidade presencial.

Sentei-me em uma segunda-feira de manhã para me encontrar com um membro que estava passando por dificuldades. Conversamos sobre as lutas que sua esposa estava enfrentando e como a família estava lidando com toda a turbulência. De vez em quando, a conversa se desviava para seus hobbies ou para o que as crianças estavam fazendo. Eu me perguntava: *O que ele precisa de mim? Por que ele queria se encontrar comigo? Ele já tem um conselheiro.* Mas então me dei conta: ele quer se sentir normal, mesmo que seja por alguns minutos. Eu acompanhei os desvios com ele.

Mas havia algo além. Ele precisava que eu fosse uma testemunha de sua vida. Enquanto eu fazia perguntas sobre como era o dia, como era a semana, o que o “trabalho” de cura significaria para ela e para ele, ele me oferecia vislumbres de seu mundo. Depois de mais ou menos uma hora ouvindo e procurando pistas nas conversas, eu o olhei nos olhos e disse: “Você está vivendo a vida cruciforme”.

Instantaneamente, lágrimas surgiram em seus olhos. “Não muito bem”. Ele suspirou. “Isso não importa”, insisti. “Você está. A cruz está

em suas costas.” Então, de algum lugar inspirado pelo Espírito, eu disse: “Até Jesus tropeçou ao carregar a cruz. Mas o mais importante é que você a está carregando”. Agora, suas lágrimas escorriam.

Era por isso que eu estava me encontrando com ele: para ajudá-lo a sentir alguma semelhança com a normalidade. E, acima de tudo, para ser uma testemunha de sua vida. Para mostrar a ele o que ele mesmo não conseguia ver: Cristo estava sendo formado nele.

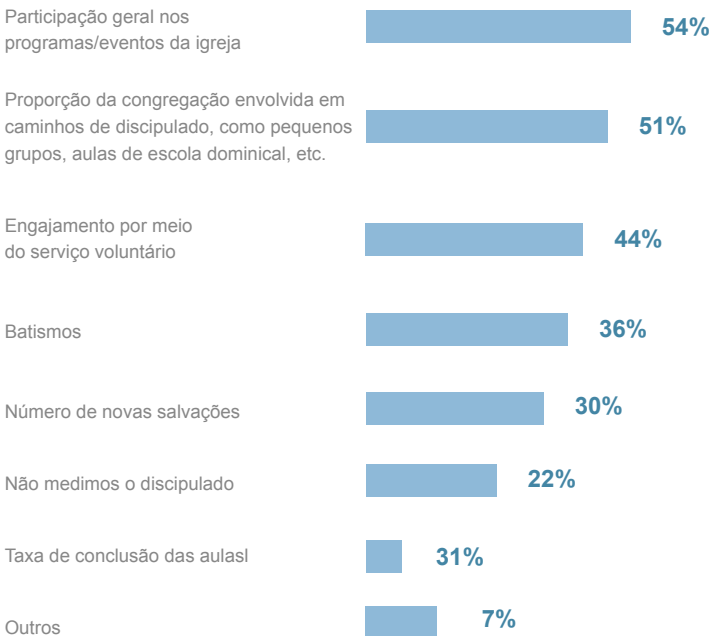
Não existe uma fórmula para a formação. Tornar-nos semelhantes a Jesus é obra do Espírito, mas não é um esforço solitário. Não será o resultado de nos concentrarmos no individual e no interior. Tornar-se semelhante a Jesus requer um ensino que seja cristocêntrico e cruciforme; tornar-se semelhante a Jesus é incorporado em respostas reflexivas a práticas que são comunitárias e habituais; e tornar-se semelhante a Jesus é forjado no fogo de uma comunidade que não hesitará em falar a verdade em amor sobre nosso comportamento. Essas três coisas estão interconectadas e inter-relacionadas. Elas não ocorrem sequencialmente, mas sim simultaneamente e de forma simbiótica. A comunidade é formada pela história e sustentada por seus hábitos. No entanto, não há como receber essa história ou praticar seus hábitos sem uma comunidade. Esses três elementos são formas de cooperar com a obra do Espírito que serviram bem à Igreja em dias mais sombrios do que os nossos. Ao refletirmos sobre o ensino, as práticas e a comunidade que fizeram não apenas convertidos, mas discípulos contra todas as probabilidades, temos algo com o qual avaliar nossos próprios esforços. Que Deus nos dê a graça e a coragem de chamar as pessoas a seguir Jesus, com a cruz e tudo.



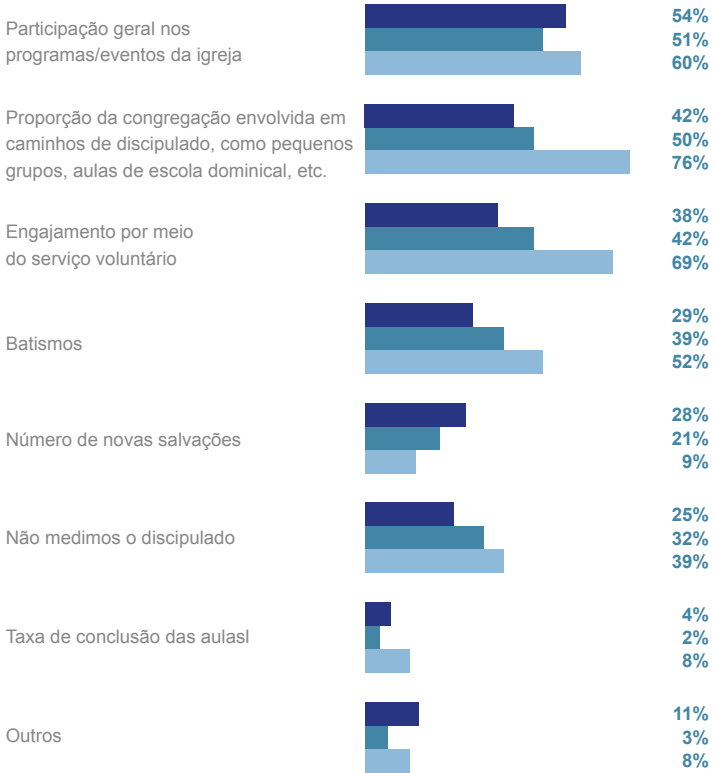
PERCEPÇÕES DA BARNA: Fazendo (e medindo) discípulos

O sucesso do discipulado, segundo os pastores, é determinado em grande parte pelos números de engajamento da igreja (participantes, voluntários etc.). Quanto maior a igreja, mais se exploram possíveis métricas de discipulado, especialmente por meio de caminhos em grupo, como pequenos grupos e aulas. Mais de um quarto das igrejas pequenas (com menos de 100 pessoas) não medem os esforços de discipulado.

Como sua igreja mede a eficácia dos esforços de discipulado?



Por tamanho da igreja



n=408 pastores protestantes dos EUA, 16 de setembro a 8 de outubro de 2020.

Reflexões de Rich Villodas, pastor autor e palestrante

Os desafios culturais enfrentados pelos líderes da igreja são, no mínimo, dois: reatividade e inquietação. Por reatividade, refiro-me às formas ansiosas e automáticas com que envolvemos aqueles que lideramos em nossa comunidade e no mundo ao nosso redor. Por inquietação, identifico a sensação perpétua de “não ser suficiente” que todo pastor encontrará em algum momento. Diante dessas duas realidades onipresentes, o cultivo da presença é extremamente necessário.

A formação não se trata apenas de pensar as coisas certas, ter as experiências certas ou se envolver nas práticas certas de missão. Todas essas coisas são extremamente importantes, mas, em última análise, devem fluir de uma vida de presença — presença com Deus, conosco mesmos e com as pessoas que lideramos.

Uma vida marcada pela presença é moldada pelo trabalho constante e contínuo de reflexão em oração e comunhão com Deus. Por que, muitas vezes, temos dificuldade em navegar pelo terreno da injustiça racial, da hostilidade política e das tensões cotidianas que encontramos em nossas comunidades? Acredito que isso tem muito a ver com nossa falta de autoexame em espírito de oração e de permanência com Jesus.

O ministério pastoral geralmente está repleto de grandes conflitos e pequenas críticas. É por isso que, sem esse compromisso com a presença, seremos engolidos por completo. Esse trabalho é fortalecido pelo hábito do silêncio e do exame interior, o que leva à tarefa, muitas vezes desafiadora, de manter um espaço não defensivo com os outros. A verdade importante e reconfortante a ser lembrada, no entanto, é que isso não é algo que conquistamos; é algo que Deus opera em nós. Amém.

Entre no grupo de Whatsapp da Envisionar para receber nossos conteúdos exclusivos para liderança.

Clique no botão abaixo.



Entre no grupo

envisionar
capacitação que inspira visão

NOTAS

1. Trinta e cinco por cento dos pastores dizem que a falta de comprometimento é a parte mais frustrante do trabalho, enquanto 27% dizem que é o baixo nível de maturidade espiritual. Barna, State of Pastors, 100.
2. Barna, State of Pastors, 20.
3. “Pastores com alto risco de esgotamento têm três vezes mais probabilidade do que aqueles com baixo risco de dizer que a política da igreja está entre suas principais frustrações.” Barna, State of Pastors, 100.
4. Barna, State of Pastors, 63.
5. Barna, The State of Discipleship (2015), 27.
6. Barna, State of Discipleship, 23.
7. Sessenta e seis por cento dos cristãos praticantes escolheram essa opção; Barna, State of Pastors, 27.
8. Stanley Hauerwas, The Hauerwas Reader, ed. John Berkman e Michael Cartwright (Durham, NC: Duke University Press, 2005), 148.
9. Essa versão é contada por Hauerwas em The Hauerwas Reader, 257–58.

10. Hauerwas e Berkman, *The Hauerwas Reader*, 133.
11. Martin Luther King Jr., *Strength to Love* (Minneapolis: Fortress, 2010), 12.
12. Martin Luther King Jr., *A Testament of Hope*, ed. James Melvin Washington (New York: HarperCollins, 1986), 334.
13. King, *Testament of Hope*, 336.
14. King, *Testament of Hope*, 337.
15. King, *Testament of Hope*, 337.
16. Barna, *State of Discipleship*, 51.
17. Barna, *State of Discipleship*, 53.
18. Barna, *State of Discipleship*, 52.
19. Barna, *State of Discipleship*, 11.
20. Barna, *State of Discipleship*, 59.
21. Barna, *State of Discipleship*, 59.
22. Alan Kreider, *The Patient Ferment of the Early Church: The Improbable Rise of Christianity in the Roman Empire* (Grand Rapids: Baker Academic, 2016), 169.
23. Kreider, *Patient Ferment*, 133.
24. Kreider, *Patient Ferment*, 135.
25. Veja Larry Hurtado, *Destroyer of the Gods: Early Christian Distinctiveness in the Roman World* (Waco: Baylor University Press, 2016), 154.
26. Epistle to Diognetus, citado em, *Destroyer of the Gods*, de Hurtado, 153.
27. Kreider, *Patient Ferment*, 143.
28. Kreider, *Patient Ferment*, 156.
29. Kreider, *Patient Ferment*, 152.
30. Kreider, *Patient Ferment*, 169.
31. Kreider, *Patient Ferment*, 193.
32. Kreider, *Patient Ferment*, 193.
33. Kreider, *Patient Ferment*, 115.
34. Kreider, *Patient Ferment*, 116.

envisionar